

## REFLEXÕES TEÓRICAS E RELATO DE PROCESSO DO DOCUMENTÁRIO “FRONTEIRAR”

Juliana Tonin (UNILA)

### RESUMO

O presente trabalho é o desdobramento de reflexões feitas a partir da produção do documentário “Fronteirar”, que foi rodado nas cidades gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Experienciar a fronteira como mulher é um dos pontos motrizes na confecção deste material de audiovisual, pois o documentário é atravessado entre as questões referentes às representações das mulheres fronteiriças, registrando o modo como as mulheres da fronteira criam sua narrativa acerca do que é ser mulher na fronteira e de como elas se percebem. Ao produzir um material audiovisual de cunho educativo que visa abrir reflexões acerca destes temas, de modo a contribuir no âmbito da criação de outras imagens e narrativas sobre a fronteira e sobre a mulher fronteiriça a centralidade do tema é reforçada pela equipe técnica, propositalmente formada exclusivamente de mulheres, o que faz que seja explícita a forma como será abordado o tema da construção da narrativa audiovisual. Partindo de uma pesquisa de material bibliográfico, foi feita uma investigação teórica que criou um diálogo com as dimensões discursivas propostas no documentário e que corroborou com a reflexão sobre a história das mulheres fronteiriças por um viés feminista. Para isso trago os conceitos articulados por PERROT (2013), DOURADO (2002) e LOPES (2006). O artigo também coloca os conhecimentos provenientes do cinema e suas reflexões teóricas com os autores clássicos como NICHOLS (2005), em diálogo com KRONIS (2008) e LOPES (2006). A partir da experiência na fronteira, busca entender os atravessamentos produzidos nas relações de gênero deste “entre-lugar”, enquanto construções territoriais e sobretudo discursivas, de ordem cultural, econômica, religiosa, política e intercultural. Para isso, o artigo trabalha com os conceitos de fronteira propostos por OSÓRIO (2010); MULLER (2000; 2016), em conjunto com as problematizações que HALL (2015) coloca sobre as identidades na contemporaneidade. Colocar a fronteira no centro do estudo revela uma possibilidade de investigação em novas dimensões da organização humana atual; sendo um objeto de estudo complexo que exige uma constante redefinição de seus conceitos e de suas problematizações. Portanto, neste artigo busca compreender como essas mulheres constroem e reconstróem suas identidades nesse lugar, articulando essas vozes subalternas e silenciadas, com novas formas de pensar e repensar vários aspectos da vida fronteiriça.

**Palavras-chave:** Mulheres. Fronteiras. Feminismo. Audiovisual.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem o intuito de descrever o processo das reflexões contidas no trabalho de audiovisual que está em fase de desenvolvimento e que tem o empenho de trazer à tona as diferentes narrativas das mulheres que vivem na fronteira de Ponta Porã/Pedro Juan Caballero. Parte do interesse neste estudo advém da minha experiência em residir desde 1998 na cidade de Ponta Porã, fronteira seca e cidade gêmea<sup>1</sup> da cidade de Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Os primeiros estranhamentos de se viver na fronteira influenciaram a construção da minha subjetividade, e ainda se mantém dentro de mim esses primeiros questionamentos acerca do modo como se vive na naquele espaço. Não pretendo de forma alguma negar que exista criminalidade na fronteira, de forma que intento focar uma outra dimensão de experiência do mesmo espaço. Por ter vivido grande parte da minha vida por aquele espaço e percebido que existe uma série de elementos culturais e naturais invisibilizados, a importância histórica do local e de trocas interculturais que eram simplesmente apagadas e constavam inexistentes para a grande maioria das pessoas.

Experienciar a fronteira como mulher também é um dos pontos motrizes na confecção do material de audiovisual, pois o documentário é atravessado entre as questões referentes às representações das mulheres fronteiriças, que são percebidas no imaginário masculino não só como diferentes, mas inferiores. Por conseguinte, o processo de produção do documentário “Fronteirar” foi construído de uma forma crítico-reflexiva, registrando o modo como as mulheres da fronteira criam sua narrativa acerca do que é ser mulher na fronteira e de como elas se percebem. Partindo destas inquietações, o presente artigo pretende discutir um referencial teórico que dialogue com essas dimensões discursivas e que corrobore com a reflexão sobre esses temas. Com a construção desta narrativa em audiovisual, criar a possibilidade de uma narrativa contra hegemônica, dando visibilidade às memórias e histórias das mulheres fronteiriças.

A linguagem cinematográfica é uma sucessão de seleções, de escolhas: escolhe-se filmar com movimento ou não, filmar de perto ou de longe, de determinados ângulos, determinados planos, que serão montados em uma determinada ordem, sendo um processo de manipulação tanto para o documentário como para a ficção. De acordo com a produção cultural de cada tempo, vão-se formando novos termos, conceitos e palavras que são mais ou menos precisas para definir o universo do qual se refere. No caso do documentário, existe a discussão sobre a estrutura narrativa, no sentido de diferenciar a produção audiovisual entre a ficção e o documentário.

Esses documentários usam o molde mágico da verossimilhança sem recorrer abertamente ao artifício, como faz o cineasta contador de histórias. Poucos estão preparados para admitir, através do tecido e da textura de sua obra, que todo filme é uma forma de discurso que fabrica seus próprios efeitos, impressões e pontos de vista. É indispensável que o documentarista reconheça o que realmente está fazendo. Não para ser aceito como moderno, mas para produzir documentários que correspondam a uma visão mais contemporânea de nossa posição no mundo, de modo que possam emergir estratégias políticas/formais efetivas para descrever e desafiar essa posição (NICHOLS, 2005, p. 50).

---

<sup>1</sup> De acordo com a o que coloca a pesquisadora Lia Osório, “Neste conjunto de aglomerações na linha de fronteira são as cidades-gêmeas que devem ser destacadas, isto é, aqueles núcleos localizados de um lado e outro do limite internacional, cuja interdependência é com frequência maior do que cada cidade com sua região ou com o próprio território nacional” (OSÓRIO, 2010, p. 66)

Este debate entre ficção e documentário é fonte para uma série de estudos do cinema, sendo que os limites entre um e outro são configurados e deslocados conforme a visão e entendimento que cada época traz sobre vários termos, como realidade, verdade, e intenção que é posta no filme. De acordo com Bernadet (1980), a história do cinema é em grande parte a luta constante para manter ocultos os aspectos artificiais do cinema e para sustentar a impressão de realidade. “O cinema, como toda área cultural, é um campo de luta, e a história do cinema é também o esforço constante para denunciar este ocultamento e fazer aparecer quem fala” (BERNADET, 1980, p. 06). Para Teixeira (2006), para além das características e intenções do documentário, a questão principal seria o cunho éticos deste gênero de cinema, que nasce com a intenção de conhecer, formar, educar.

A construção de significado no documentário se coloca a partir do diálogo de suas imagens e sons com a narrativa proposta pela argumentação e roteiro, e só se torna completo a partir do momento em que o espectador interage com os elementos que estão sendo propostos na tela. “O cinema demonstrava, assim, um poder não só de registrar o presente, mas também de contar a história segundo diferentes formas” (KRONIS, 2008, p. 09). Com essas premissas, este estilo cinematográfico se coloca como portador de uma história que se entende enquanto realidade pressuposta.

## **A FRONTEIRA**

A partir deste breve mergulho em alguns conceitos e historiografia do documentário, pretendo fazer uma reflexão a partir do desenvolvimento de um trabalho de audiovisual que temos desenvolvido junto às mulheres da fronteira de Ponta Porã/ Pedro Juan Caballero. “É pelo fato de estabelecer um olhar próprio e subjetivo sobre determinado assunto, que um filme nunca é uma mera reprodução do mundo” (RODRIGUES, 2010, p.63). Sabendo que a fronteira de Ponta Porã/Pedro Juan Caballero foi palco da batalha final no que foi conhecido como Guerra do Paraguai (ou Guerra da Tríplice Aliança, conforme o ponto de vista do narrador), no pós guerra a maioria dos homens paraguaios foi exterminada, de modo que então as mulheres foram protagonistas nessa reconstrução do habitar na região da fronteira, e que de alguma forma esse esforço diário e interrompido desde então não aparece na mídia e nem na história oficial. “Na história da Guerra do Paraguai, muitas vezes, a mulher foi omitida, discriminada e ironizada” (DOURADO, 2002, p.20). O questionamento que dirige o olhar para a formulação deste material é a pergunta “O que é ser mulher na fronteira?”, de forma que fizemos repetidas vezes essa pergunta, partindo para a entrevista como forma de entender e ilustrar o modo como elas se compreendem e como agem dentro deste universo.

As cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero são configuradas como uma das 29 cidades-gêmeas do Brasil, que se caracterizam em núcleos localizados de um lado e outro do limite internacional, cuja interdependência é com frequência maior do que cada cidade com sua região ou com o próprio território nacional e que apresenta potencial de integração econômica e cultural e com população acima de 2 mil habitantes<sup>2</sup>. Essa especificidade do espaço delimitado para ser analisado faz com que existam características especiais que devem ser levadas em conta quando se pretende fazer uma narrativa sobre ele. Os deslocamentos, circulações e fluxos das pessoas na fronteira de Ponta Porã/ Pedro Juan Caballero se dá de forma dinâmica.

A fronteira são muitas fronteiras; nenhuma fronteira é singular. Por serem plurais, locais onde sobrepõem-se várias camadas de realidade, são também locais de assimetria e desigualdades e

---

<sup>2</sup> Definição publicada no Diário Oficial do dia 24/03/2014, pelo então Ministério da Integração.

Acesso 28/06/2019 no link: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/portaria-do-ministerio-da-integracao-define-conceito-de-cidades-gemeas>.

requerem estudos localizados que consigam associar a variedade dos usos e significados simbólicos à diversidade das relações geográficas, histórica, social e política, além de ser também um debate epistemológico e filosófico. “Limites e fronteiras são termos muito antigos e aplicáveis a várias áreas do conhecimento” (OSÓRIO, 2010, p.60). Para além da área geográfica, que é marcada pelos limites, separação e fiscalização, a fronteira abarca uma quantidade de significados, que é construído pela convivência cotidiana, que trazem as categorias de lugar (com foco nos sujeitos) e de território (com foco no uso coletivo do espaço). Neste sentido, o espaço geográfico exprime também a cultura, que se dá na relação com esse território e que são estabelecidas pelos sujeitos no seu fazer cotidiano, fruto de suas relações sociais em sua dimensão simbólica e cultural.

De acordo com Ferrari (2014, p.03), a origem do termo fronteira tem como correspondentes as palavras na língua espanhola (*frontera*) e na inglesa (*frontier*), e ambas derivam do antigo latim (*frons*, *frontis*) para indicar parte do território situada em frente.

Limites e fronteiras são termos muito antigos e aplicáveis a várias áreas do conhecimento. Durante séculos foram definidos de forma intuitiva e até hoje permanecem como fonte de indagações filosóficas, especialmente quando se trata de objetos e eventos espaço-temporais (MACHADO, 2010, p.60).

Podemos então entender que as fronteiras são construções humanas, sobretudo as territoriais, e visam sempre a atender algum objetivo, seja ele de ordem cultural, religiosa, econômica ou política entre outros. A fronteira não pode ser mais entendida apenas como objeto de estudo sob seu único aspecto político, é também objeto de estudo dentro de uma perspectiva da geografia humana social e cultural, particularmente nas integrações econômicas regionais (FERRARI, 2014, p.03). Embora em anos recentes a noção de fronteira tenha sido associada ao limite político-territorial, os termos – fronteira e limite – não guardam o mesmo sentido, pois, como qualquer outro conceito, o de fronteira também sofreu modificações.

A fronteira é configurada como um território de invenção do outro, um “entre-lugar” em que os diferentes negociam um com o outro suas identidades. Neste sentido, a fronteira também pode ser entendida como uma categoria de análise, pois deixa de ser apenas o local onde as relações acontecem; pode também ser considerada uma variável que pode ser determinante na explicação de muitos fenômenos sociais contemporâneos. Uma reflexão epistemológica que revela novas possibilidades de investigação em outros campos do saber, não mais no centro hegemônico e dominante, mas sim o entendimento da centralidade das fronteiras no que toca em uma análise do próprio centro.

Colocar a fronteira no centro do estudo revela uma possibilidade de investigação em novas dimensões da organização humana; é um objeto de estudo complexo, que exige uma constante redefinição de seus conceitos e de suas problemáticas, visto que os pesquisadores que estudam fronteira vêm de diferentes formações e colocam diversos olhares exigindo grande interação de conceitos, para que eles complementem os demais e isso se torna um desafio para todos, inclusive do ponto de vista didático.

Longe de ser simplesmente um espaço geográfico, a fronteira é um fenômeno social e cultural. Estudar a zona fronteira implica em entender processos de organização cotidiana dentro de um espaço politicamente descontínuo; perceber essas relações existentes dentro deste espaço faz com que deva ser levado em consideração todas estas variáveis na forma como a retratamos. Ao retratar esses espaços e os povos que neles habitam, é inevitável tratar sobre as diferenças de culturas, hábitos e

atitudes, sobre as práticas e manifestações que sinalizam a existência de fronteiras culturais (MULLER, 2016, p.103). Os espaços de fronteiras são peculiares no que tange às suas características de integração e tensão, que andam lado a lado e que não são exclusivamente pautados nos acontecimentos locais, mas sim reverberam as decisões nacionais.

## O DOCUMENTÁRIO

Nos discursos coletados, houve um depoimento em que uma das mulheres colocava que se houvesse possibilidade de ter um documento de fronteiroço, que seria o ideal para ela, pois haviam alguns indivíduos de sua família que haviam nascido no território paraguaio, mas tinham documentos brasileiros, outros que haviam nascido em território brasileiro, mas que tinham documentos e viviam quase exclusivamente no território paraguaio. A caracterização dessa região específica envolve uma formulação de relações de troca, transferências e traduções, onde a fronteira deixa de ser a separação e passa a significar a “passagem”, proporcionando as relações de elementos distintos que entram em contato e formam um terceiro lugar (BELUQUE, 2010, p.31).

As novas narrativas podem repensar o processo de re-identificações imaginárias através de diferentes estratégias de sentido. Com essa perspectiva, pensamos no documentário uma produção de um discurso crítico que identifica e valoriza as narrativas historicamente silenciadas. As formas consensuais das novas narrativas são atravessadas pela vontade de significar o mundo que apresentam, o que nos remete aos sujeitos que fazem parte dessas regiões consideradas periféricas e que não possuem ‘voz’ para expressar aquilo que lhes é próprio. Por isso, nos textos, imagens e sons emitidos pelos meios de comunicação fronteiriços há o reforço das práticas socioculturais dos sujeitos fronteiriços. “Realizando esse movimento, a mídia passa também a assumir o papel de agente local” (MULLER, 2016, p. 110). Deste modo, a mídia passa a constituir-se um elemento ativo dentro deste processo comunicativo e educativo, de forma que o que se quer pensar na produção deste material de audiovisual é um cinema de resistência, que passa pela necessidade de reinventar as fronteiras para além dos mapas dos Estados, insistindo na diversidade como forma da realidade que está porvir. A fronteira pode ser considerada um ato que se estabelece no fluxo (“bordering”, “ordering”, “othering”<sup>3</sup>) e que se apresenta em movimento/deslocamento, onde se misturam as fronteiras do Estado-nação, as fronteiras linguísticas e as fronteiras simbólicas, que são reconfiguradas a partir da convivência com o “outro”.

A metodologia feminista aparece no que toca a equipe, composta por mulheres uma cientista social, uma historiadora, uma comunicóloga, uma produtora de audiovisual. As entrevistas foram gravadas em espaços privados e públicos, de modo a colocar na tela as dinâmicas que acompanham os discursos sobre público e privado na vida destas mulheres. As imagens escolhidas foram do cotidiano fronteiroço e as pessoas que transitam por aquela localidade. As perguntas eram compostas por questionamentos de como é viver na fronteira e como é ser mulher na fronteira, onde cada entrevistada respondeu com seus relatos e experiências.

Abordar a narrativa das mulheres fronteiriças faz com que uma nova fonte de conhecimento epistemológico seja encarada frente às narrativas tradicionais sobre o que é ser fronteiroço. A centralidade do tema é reforçada pela equipe técnica, propositalmente formada exclusivamente de mulheres, o que faz que seja explícita a forma como vai ser abordado o tema da construção da

---

<sup>3</sup> Este trocadilho esteve presente na fala da professora Adriana Dorfman durante uma aula *on line* do NEPEs (Núcleo de Pesquisas sobre Espaço, Política e Emancipação Social) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS. <Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0v1mhxs4tdQ>, acesso em 21/6/202.>

narrativa audiovisual. A dificuldade em articular a fala das mulheres dentro do processo histórico é descrita como um verdadeiro trabalho de rastreamento, pois a escassez de vestígios acerca do passado das mulheres, produzido por elas próprias, constituem-se um dos grandes problemas enfrentados pelos próprios historiadores; encontram-se mais facilmente representações sobre mulheres, que tenham por base discursos masculinos, determinando quem são elas, o que fizeram e o que devem fazer. (DOURADO, 2002, p.20). Nascer mulher num sistema patriarcal implica em diversos silenciamentos, tanto nas oportunidades de expressão quanto nos sistemas simbólicos de representação, de modo que isso reforça o apagamento das memórias das mulheres.

No imaginário masculino, as mulheres são percebidas como inferiores, e essa desigualdade é expressa na forma como as mulheres são retratadas pela sociedade. Dourado (2002, p. 121) nos traz que como a história é sempre contada do ponto de vista do dominador, o homem branco, foram raras as mulheres que constaram nos textos oficiais, o que dialoga diretamente com a historiadora Michelle Perrot, que em seu livro “Minha história das mulheres” traz a seguinte frase: “Quando aos observadores, ou aos cronistas, em sua grande maioria masculinos, a atenção que dispensavam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos” (PERROT, 2013, p.17). Essa invisibilidade do discurso feminino na história, e especificamente no caso da fronteira, foi uma das principais forças motrizes para formular os questionamentos que perpassam toda a produção do material.

Fica evidente que é necessário entender o apagamento dos discursos das mulheres e agir sobre isso, de forma a decifrar qual seria a autoimagem que as mulheres fronteiriças têm sobre si, e com isso expor o peso da invisibilidade de suas histórias. Portanto, já não se trata de falar da história dos grandes fatos e acontecimentos, mas sim do cotidiano, onde uma linhagem feminina se constrói onde aparentemente somente havia silêncio e opressão, o que levou também a apontar as possibilidades de uma estética feminista. “A subjetividade é indissociável de qualquer arte. E o documentário, como arte cinematográfica, é uma obra pessoal de ser realizador” (RODRIGUES, 2010, p.62).

Tendo isso em vista, a proposta da produção do documentário vai de encontro à necessidade de colocar como a mulher fronteiriça se entende enquanto narradora de sua história. De acordo com Perrot (2013, p.17), as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas. As notícias que são veiculadas nos meios tradicionais de mídia dão uma visão da fronteira de lugar do abandono dos poderes públicos, espaço de bandoleiros e bandidos. A subjetividade que se cria reflete tanto as condições objetivas quanto as representações socialmente construídas da vida diária, e como coloca Moraes (2002, p. 79) que é bom não fazer da discussão sobre subjetividade algo meramente individualista ou dizer que ela pertence somente a determinado indivíduo, porque sendo fomentada dentro de uma concepção social e histórica, ela é uma construção coletiva. As notícias acerca da fronteira trazem consigo criação de subjetividades negativas que se amalgamam em histórias e que nem sempre isso corresponde à realidade. Estas construções narrativas articuladas pela mídia tradicional atuam diretamente na criação de uma forma de pensar pejorativa e reduzida sobre as pessoas que vivem naquele espaço, como se apenas situações de violação de lei fossem parte do dia a dia de todos os indivíduos que vivem na fronteira, recusando de certa forma a riqueza de estar em contato com uma possibilidade de vivência multicultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os questionamentos pertinentes ao impacto destas subjetivações sobre o ser fronteiriço moldadas a partir da mídia e as inter-relações presentes nesse discurso faz com que haja variadas implicações para as pessoas que ali habitam, especialmente as mulheres que moram aqui, modelando

de forma direta ou indireta a forma como se vive naquele espaço. Dessa mistura resultou numa grande vontade de produzir um trabalho de audiovisual que fosse ser realizado com responsabilidade e ética com as pessoas da fronteira. Como coloca Teixeira, esses devires multipessoais e plurisubjetivos, que entremeiam documentarista e personagens, desencadeiam no filme uma experiência de vida, não uma representação nem uma reprodução de uma realidade, mas um experimento de ser “outro” (TEIXEIRA, 2006, p.277).

A proposta documental residiu em iniciar uma reflexão acerca de que é ser mulher fronteiriça, para entender como as fronteiriças se auto representam. Por meio deste artigo, busquei compreender como essas mulheres constroem e reconstroem suas identidades nesse lugar, articulando essas vozes subalternas e silenciadas, com novas formas de pensar e repensar vários aspectos da vida na fronteira.

A discussão segue ~~ainda~~ em aberto, destacando a possibilidade da fronteira ser representada de diversos modos, de forma pejorativa ou positiva dependendo do ponto de vista do narrador. Esse artigo também faz parte do processo de criação de um material educativo de audiovisual, e visa abrir reflexões acerca deste tema, de forma que as mensagens contidas nele sejam uma contribuição no âmbito da criação de outras imagens e narrativas sobre a fronteira e sobre a mulher fronteiriça.

## REFERÊNCIAS

- BELUQUE, Caroline Touro. **Vozes da fronteira: transculturalidade nos contos de Josefina Plá.** Dourados/MS: UFGD, 2010.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema?** São Paulo -SP: Editora Brasiliense, 1980.
- DOURADO, Maria Teresa Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai.** Dourados/MS: UFGD, 2002.
- FRANÇA, Andréa. **Terras e fronteiras no cinema político contemporâneo.** Rio de Janeiro/RJ: 7Letras, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro/RJ: Lamparina, 2015.
- KRONIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história.** Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar Ed., 2008.
- LOPES, Denihon. **Cinema e gênero.** In História mundial do cinema. Campinas/SP: Papyrus, 2006.
- LUBISCO, Nídia Maria Lienert. **Manual de estilo acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses.** 5. ed. - Salvador/BA: EDUFBA, 2013.
- MASCARELLO, Fernando (org.) **A história mundial do cinema.** Campinas/SP: Papyrus, 2006.
- MULLER, Karla. **Fronteiras na mídia: diversidade de olhares e relatos.** In: América Platina: fronteiras de diversidades e resistência. Curitiba/PR: Appris, 2016.
- MULLER, Karla. **Processos midiáticos e comunidades fronteiriças: problemas e perspectivas.** In: Mídia, Imagem e cultura – org. de Doris Fagundes Haussen. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2000.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Campinas/SP: Papyrus, 2005.
- OSÓRIO, Lia. **Cidades na fronteira: conceitos e tipologias.** In: Dilemas e diálogos platinos. / Orgs: Angel Nuñez, Maria Medianeira Padoin, Tito Carlos Machado de Oliveira. – Dourados, MS: UFGD, 2010.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo/SP: Contexto, 2013. 2º edição.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal...o que é mesmo documentário?** São Paulo/SP: Ed SENAC, 2008.
- RODRIGUES, Flávia Lima. **Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro.** In CES Revista, v. 4. Juiz de Fora/MG, 2010.
- ROSENSTONE. Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história.** São Paulo/SP: Paz e Terra, 2010.
- TEDESCHI, Losandro Antônio. **Algumas questões sobre gênero e interculturalidade.** In: Temas sobre gênero e interculturalidade – (Losandro Antonio Tedeschi, Antonio Dari Ramos (orgs.)). Dourados/MS: EdUFGD, 2010.
- TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário Moderno.** In: História Mundial do Cinema. Campinas/SP: Papyrus, 2006.